

ONDE A INDÚSTRIA SE FORTALECE NO ESTADO DE SÃO PAULO



SEADE

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

Diretora Executiva

Maria Helena Guimarães de Castro

Diretora Adjunta Administrativa e Financeira

Silvia Anette Kneip

Diretor Adjunto de Análise e Disseminação de Informações

Haroldo da Gama Torres

Diretora Adjunta de Metodologia e Produção de Dados

Margareth Izumi Watanabe

APRESENTAÇÃO

PESQUISAS INSERIDAS NO DEBATE PÚBLICO

O Seade é uma instituição que remonta ao século 19, com o surgimento da Repartição da Estatística e do Arquivo do Estado, em 1892. Ao longo de mais de um século, tem contribuído para o conhecimento do Estado por meio de estatísticas, com um conjunto amplo de pesquisas sobre diversos aspectos da sociedade e do território de São Paulo. Levar parte importante desse volume de informação e suas interconexões ao público é, por sua vez, uma tarefa tão relevante quanto desafiadora.

O Projeto Primeira Análise visa divulgar parte do universo de conhecimento da instituição, ao dialogar com temas de interesse social. Os artigos que compõem o projeto procuram sinalizar, de forma concisa, tendências e apresentar uma análise preliminar do tema tratado. Trata-se de texto autoral, de caráter analítico e científico, com aval de qualidade do Seade.

Os textos são destinados a um público formado por gestores públicos, ao oferecer informação qualificada e de fácil compreensão; ao meio acadêmico e de pesquisa aplicada, por meio de abordagem analítica preliminar de temas de interesse científico; e para a mídia em geral, ao suscitar pautas sobre questões relevantes para a sociedade.

Os artigos do projeto têm periodicidade mensal e estarão disponíveis na página do Seade na Internet. Os temas englobam aspectos econômicos, sociais e de interesse geral, abordados em perspectiva de auxiliar na formulação de políticas públicas. Assim, o primeiro artigo analisa a desconcentração industrial no Estado – os próximos números tratarão, por exemplo, do perfil dos acidentes de trânsito no Estado e das mudanças do mercado de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo.

Desta forma, o Seade mais uma vez se reafirma como uma instituição ímpar no fornecimento de informações de importância para o conhecimento do Estado de São Paulo e para a formulação de suas políticas públicas.

Maria Helena Guimarães de Castro

ONDE A INDÚSTRIA SE FORTALECE NO ESTADO DE SÃO PAULO

Produto industrial se desconcentra no território – regiões de Sorocaba e Campinas e as áreas do complexo industrial da cana-de-açúcar tiveram, juntas, até 64% dos investimentos anunciados

RESUMO: *Evidências têm apontado para um processo de desconcentração industrial no Estado de São Paulo, com perda expressiva de participação da Região Metropolitana de São Paulo. Este trabalho analisa mais detidamente o tema no período 2000-2010, baseando-se nos dados desagregados do produto industrial e na Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo (Piesp). A análise mostra que, para entender a nova dinâmica industrial paulista, é preciso considerar duas áreas em que a indústria de transformação se fortalece: a das Regiões Administrativas de Campinas e Sorocaba, onde se encontra o chamado “corredor asiático”; e aquela que agrega o complexo industrial da cana-de-açúcar. Em anos de maior perspectiva de crescimento da economia, esses dois grupos tiveram maior participação nos investimentos anunciados.*

Coordenação e edição

Edney Cielici Dias

Autores deste número

Margarida Kalemkarian e
Cimar Alejandro Prieto Aparicio,
pesquisadores da Fundação Seade

CONTEXTO DA ANÁLISE

A indústria brasileira no século 20 foi marcada pela centralidade nos municípios da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Nas últimas décadas, verificaram-se movimentos de desconcentração espacial do setor em direção às áreas metropolitanas próximas (Campinas, Vale do Paraíba e Baixada Santista), bem como a outras regiões do interior paulista e do país. A divulgação dos dados do PIB dos municípios paulistas pela Fundação Seade,¹ ao analisar o período 2000-2010, revelou um novo desenho do processo de desconcentração industrial, com diminuição da participação das regiões metropolitanas, à exceção da de Campinas, no produto industrial (Valor Adicionado) e aumento de forma pulverizada nas cidades paulistas. Este trabalho aborda mais detidamente a questão, baseando-se nos dados do produto industrial e também da Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo (Piesp).²

A análise mostra que, para entender a dinâmica industrial do Estado, no período, é preciso considerar dois eixos dinâmicos da economia paulista. O primeiro refere-se à intensificação industrial nas Regiões Administrativas de Campinas e Sorocaba, onde se encontra o chamado “corredor asiático”,³ que consolidou uma estrutura produtiva diversificada, com expansão de ramos anteriormente mais fortes na Região Metropolitana de São Paulo. O segundo corresponde à expansão do complexo industrial da cana, que envolve especialmente a produção de açúcar e álcool, nas regiões administrativas do corredor centro-noroeste do Estado.⁴

1. Divulgação ocorrida em dezembro de 2012. O relatório está disponível em: <https://www.seade.gov.br/produtos/pibmun/pdfs/PIBMunicipal_2010.pdf>.

2. Essa pesquisa da Fundação Seade identifica as principais tendências setoriais e regionais da economia paulista por meio dos registros de investimentos produtivos divulgados pela imprensa. As informações são submetidas à checagem para que possa ser efetuada análise mais precisa desses anúncios.

3. “Corredor asiático” é uma expressão informal utilizada para caracterizar a presença crescente de empresas japonesas, sul-coreanas e chinesas nas RAs de Campinas e Sorocaba, em especial no segmento automotivo e nos de máquinas e equipamentos, material eletrônico e equipamentos de comunicação, máquinas e equipamentos de informática e produtos químicos. Entre as maiores empresas estão Toyota, Hyundai, Honda, Stanley, Sumitomo, LG, Samsung, Huawei, ZTE, CJ e Ajinomoto.

4. Nos últimos dois anos, o cenário relacionado ao setor de açúcar passou a ser objeto de preocupação em razão da política de contenção dos reajustes de preços da gasolina. Os reflexos desses novos fatos ainda não podem ser observados nos dados discutidos nesse texto.

Vários autores atribuem essa distribuição da indústria às deseconomias de aglomeração, como escassez e preço dos terrenos, custo da mão de obra, congestionamentos de tráfego e poluição. Além disso, o aquecimento da economia, com novas oportunidades de negócios e melhorias na infraestrutura (transportes, energia e comunicações), bem como incentivos dos governos às empresas, tem estimulado a implantação de empreendimentos industriais em outras localidades. Acrescente-se que o setor de serviços vem historicamente assumindo papel relevante na cidade de São Paulo, incorporando segmentos cada vez mais complexos e de alto valor agregado. Nesse sentido, a capital paulista passou por um processo verificado em outras grandes metrópoles mundiais, que deixaram de ter como característica a indústria e passaram a abrigar preponderantemente setores especializados de serviços.⁵

Embora a participação do Estado de São Paulo na indústria nacional tenha se reduzido ligeiramente entre 2000 e 2010 (de 45,1% para 42,0%), tanto as Regiões Administrativas de Campinas e Sorocaba quanto aquelas pertencentes ao conglomerado industrial da cana ganharam espaço na indústria brasileira. Em conjunto, as RAs de Campinas e Sorocaba ampliaram sua participação de 9,4% para 11,2% do produto industrial do país, no período, uma proporção superior à de Minas Gerais, o segundo Estado mais industrializado. Já o produto industrial das regiões do complexo industrial da cana passou de 5,0% para 5,4%, um percentual comparável aos Estados do Paraná e do Rio de Janeiro.

Para analisar a dinâmica industrial do Estado em termos regionais, o presente estudo utilizou especificamente o Valor Adicionado Fiscal (VAF),⁶ um indicador mais específico da atividade da indústria de transformação que possibilita a abertura de informações para os municípios paulistas. Dessa forma, é considerada a evolução do produto da indústria de transformação, excluindo-se a construção civil e os serviços de utilidade pública (água,

5. Uma síntese do debate sobre a desconcentração industrial pode ser encontrada em: TORRES, Haroldo da Gama. Afinal, a desconcentração produtiva é ou não relevante? A cidade de São Paulo no olho do furacão. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 94, nov. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-3002012000300003&lng=pt&nrm=iso>.

6. Indicador calculado pela Secretaria da Fazenda que corresponde à diferença entre o valor das saídas de mercadorias e dos serviços de transporte e de comunicação prestados no seu território e o valor das entradas de mercadorias e dos serviços de transporte e de comunicação adquiridos, em cada ano civil.

luz, coleta de lixo, etc.). Paralelamente, a trajetória do setor ao longo da década é acompanhada por meio dos anúncios de investimentos captados pela Piesp, na análise dos ramos em que a capacidade produtiva da indústria de transformação vem se ampliando.

Analisando a participação no VAF, verifica-se o processo de desconcentração espacial da indústria estadual, no período 2000-2010. As *regiões com expansão* no interior foram agrupadas em duas macroáreas, de acordo com seu perfil industrial, tendo como unidade de análise as RAs.⁷

- **Área Campinas-Sorocaba**, composta por essas duas Regiões Administrativas. Trata-se de duas RAs com tradição industrial e que recentemente receberam novo impulso, abrigando segmentos que historicamente operavam na Região Metropolitana de São Paulo.
- **Área Industrial da Cana-de-Açúcar**, que engloba as Regiões Administrativas de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Bauru, Marília, Franca, Araçatuba, Barretos e Presidente Prudente. Trata-se de uma vasta área do Estado em que se pode verificar a expansão do complexo industrial da cana-de-açúcar.

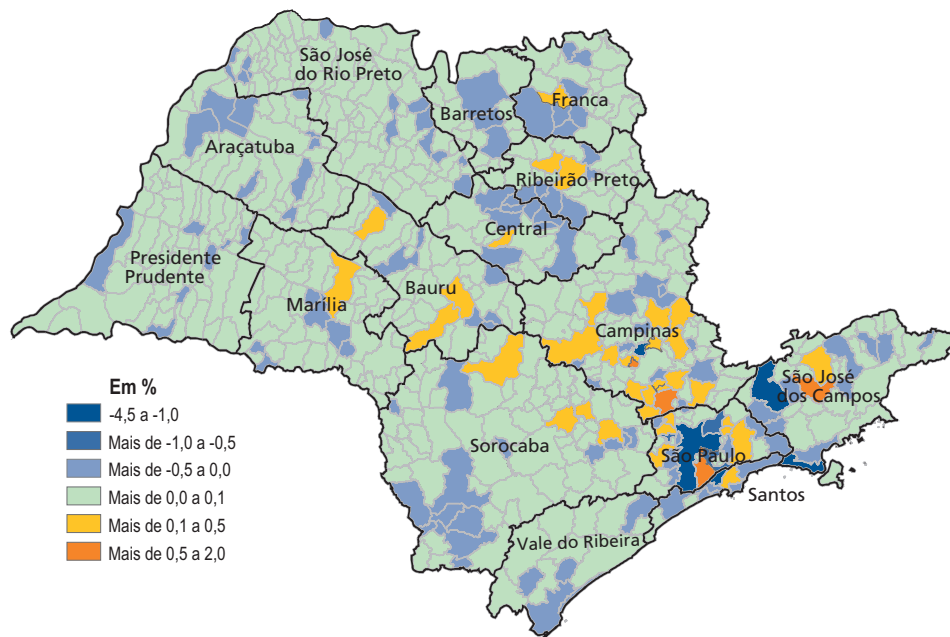
O Mapa 1 mostra a variação da participação dos municípios paulistas no VAF, no período 2000-2010. Na parte centro-oeste, correspondente à Área Industrial da Cana-de-Açúcar, verifica-se ampliação do VAF de forma disseminada. Nessa expansão difusa, destacam-se municípios como Ribeirão Preto, Sertãozinho, Agudos, Pederneiras, Lins, São Joaquim da Barra, Marília, Guaiúra, São José do Rio Preto, Batatais, Sebastianópolis do Sul, Monte Alto e Olímpia.

Nota-se também – mas de forma mais intensa – aumento da participação no VAF nas RAs de Campinas e Sorocaba, sobressaindo os municípios de Jundiá, Hortolândia, Louveira, Sorocaba, Sumaré, Indaiatuba, Piracicaba, Vinhedo, Atibaia, Itupeva, Santa Bárbara d’Oeste, Rio Claro, Botucatu e Araçariçuama.

As *regiões com retração* do VAF, como mostra o mapa, são compostas pelas Regiões Metropolitanas de São Paulo, do Vale do Paraíba e Litoral

7. Ressalte-se que as RAs não são homogêneas e, obviamente, a produção industrial está concentrada em determinados grupos de cidades. A RA de Sorocaba, por exemplo, é bastante extensa e os municípios industriais estão, em regra, mais próximos da capital. A lógica de produção industrial, por sua vez, cria grupos de indústrias que ultrapassam os limites das RAs, interligando municípios, como é o caso do referido “corredor asiático”.

Varição da participação dos municípios no Valor Adicionado Fiscal 2000/2010



Fonte: Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda; Fundação Seade.

Norte e da Baixada Santista, com destaque para a capital paulista, cujo VAF reduziu-se de 16,3% do total do Estado, em 2000, para 12,3%, em 2010.

As regiões com expansão passaram a responder, em 2010, por quase metade do VAF do Estado, enquanto aquelas com retração, compostas pelas regiões metropolitanas, exceto a de Campinas, perderam participação – de 59,9%, em 2000, para 50,0%, em 2010 (Tabela 1).

A Tabela 2 apresenta os segmentos que mais contribuíram para a geração do Valor Adicionado Fiscal no Estado, neste período,⁸ e sua evolução

8. Em 2000 e 2010, tais segmentos responderam por mais de 80,0% do Valor Adicionado Fiscal da indústria de transformação estadual. As informações para todos os subsetores da indústria de transformação encontram-se no Anexo.

nos grupos com expansão e nos eixos com retração do produto industrial. O comportamento do nível de participação indica a desconcentração de diversos segmentos da Região Metropolitana de São Paulo em direção ao interior.

As áreas industriais das Regiões Administrativas de Campinas e Sorocaba, que contêm o “corredor asiático”, consolidam uma estrutura industrial diversificada. Há forte crescimento da cadeia industrial automotiva, registrado pela expansão do segmento de material de transporte. Também observa-se grande expansão da indústria farmacêutica, particularmente na RA de Campinas, e da produção de eletrodomésticos, máquinas para escri-

T
A
B
E
L
A

1

Participação no Valor Adicionado Fiscal da Indústria de Transformação Estado de São Paulo – 2000-2010

Em porcentagem

Regiões	2000	2010
Total	100,0	100,0
Regiões com retração no produto industrial	59,9	50,0
Região Metropolitana de São Paulo	42,0	38,1
Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte	13,7	9,1
Região Metropolitana da Baixada Santista	4,1	2,9
Regiões com expansão no produto industrial	37,8	47,5
Área Campinas–Sorocaba (inclui o chamado “corredor asiático”)	28,3	33,5
RA de Campinas	23,1	27,0
RA de Sorocaba	5,1	6,6
Área Industrial da Cana-de-Açúcar	9,5	14,0
RA de Ribeirão Preto	2,1	3,1
RA de São José do Rio Preto	1,4	2,3
RA de Bauru	1,6	2,2
RA de Marília	1,0	1,7
RA de Franca	1,2	1,5
RA de Araçatuba	1,0	1,3
RA de Barretos	0,8	1,0
RA de Presidente Prudente	0,5	0,9
Demais regiões (1)	2,3	2,5
RA Central	2,0	2,1
RA de Registro	0,3	0,4

Fonte: Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda; Fundação Seade.

(1) As Regiões Administrativas Central e de Registro mantiveram seu peso na estrutura industrial do Estado no período e possuem dinâmicas que não se enquadram nos demais grupos de regiões.

tório e equipamentos de informática, material eletrônico e equipamentos de comunicação. Os ramos industriais de máquinas e equipamentos, materiais elétricos, produtos de plástico e aço – que fornecem bens de capital e bens intermediários para a indústria automotiva – e a chamada linha branca ganham relevância na estrutura industrial dessa macroárea.

Na Área Industrial da Cana-de-Açúcar, evidencia-se a expansão do setor sucroalcooleiro – que inclui a produção de energia a partir do bagaço da cana-de-açúcar. Observa-se a formação de um núcleo industrial voltado para o fornecimento de bens de capital e insumos industriais para usinas de açúcar e álcool. A produção da indústria de máquinas e equipamentos, em particular caldeiraria e outras máquinas industriais, amplia a sua participação na estrutura da indústria dessa área, particularmente nas RAs de Ribeirão Preto e Bauru.

Participação no Valor Adicionado Fiscal da Indústria de Transformação, segundo principais subsetores
Estado de São Paulo – 2000-2010

Em porcentagem

Subsetores industriais	Regiões com retração		Regiões com expansão		Demais regiões		Total	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Total	59,9	50,0	37,8	47,5	2,3	2,5	100,0	100,0
Material de transporte (inclusive montadoras e autopeças)	76,0	68,3	22,9	30,6	1,1	1,1	100,0	100,0
Produtos alimentícios	24,0	14,6	68,1	79,2	7,9	6,2	100,0	100,0
Combustíveis	56,1	43,4	43,8	56,3	0,1	0,3	100,0	100,0
Produtos químicos	68,3	63,9	30,2	34,5	1,5	1,7	100,0	100,0
Máquinas e equipamentos	56,4	48,3	37,3	47,6	6,3	4,0	100,0	100,0
Produtos de metal	66,1	60,5	32,7	37,9	1,2	1,5	100,0	100,0
Produtos farmacêuticos	85,8	70,7	14,2	29,2	0,0	0,0	100,0	100,0
Papel e celulose	48,9	40,5	50,9	58,8	0,2	0,7	100,0	100,0
Produtos de plástico	67,3	60,3	31,8	39,2	0,9	0,6	100,0	100,0
Minerais não metálicos	44,9	44,1	51,1	51,5	4,0	4,4	100,0	100,0
Bebidas	41,7	28,1	55,4	70,0	2,9	1,9	100,0	100,0
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	69,6	57,3	29,5	40,5	0,8	1,9	100,0	100,0
Metalurgia básica – ferrosos	77,3	64,2	22,3	35,2	0,3	0,6	100,0	100,0
Demais subsetores	64,8	51,9	33,0	44,4	1,7	2,7	100,0	100,0

Fonte: Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda; Fundação Seade.

INVESTIMENTOS

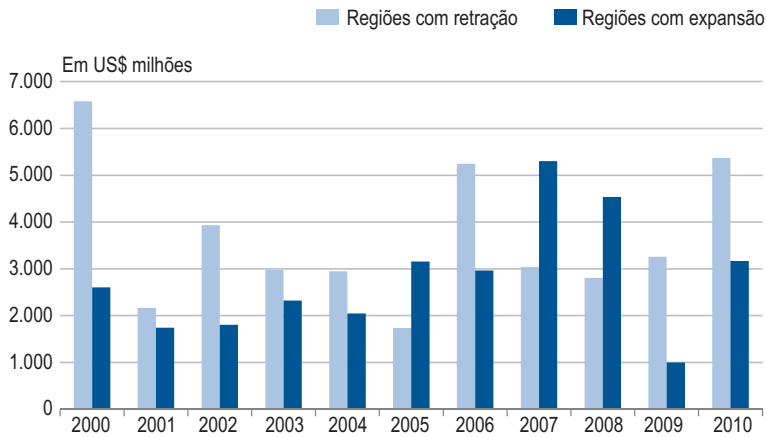
A análise dos investimentos anunciados nos ramos da indústria de transformação, com base em dados da Piesp, ajuda a entender melhor o processo de desconcentração industrial no Estado. Essas inversões, se visualizadas nas áreas industriais das RAs de Campinas e de Sorocaba, denotam a consolidação de uma diversificada estrutura industrial. Os investimentos na Área Industrial da Cana-de-Açúcar, por sua vez, foram induzidos pela demanda de açúcar e etanol e se espraiaram em diversos ramos da indústria de transformação.

No período 2000-2010, 42,1% (US\$ 30,7 bilhões) dos recursos anunciados na indústria de transformação paulista⁹ destinaram-se às *regiões com expansão* do VAF, ou seja, as Áreas de Sorocaba-Campinas e do complexo industrial da cana-de-açúcar. Essa análise mostra-se, no entanto, mais reveladora quando é considerado o contexto de perspectivas de negócios. Assim, os primeiros cinco anos da série (2000-2004) referem-se a um período de baixa expectativa de desempenho econômico, em que foram anunciados US\$ 29,9 bilhões nos ramos da indústria de transformação no Estado. Nesse período, os anúncios de investimento nos eixos com expansão representaram 35,2% do total estadual. Já quando se consideram os anos em que havia perspectiva de crescimento mais acelerado da economia (a série 2005-2010, exceto 2009, ano fortemente influenciado pela crise financeira internacional), tem-se que o total de investimentos nos ramos industriais de transformação chegou a US\$ 38,5 bilhões no Estado, ou seja, 28,5% superior ao verificado nos cinco anos antecedentes. Nesse contexto favorável, as *regiões com expansão* do VAF responderam por 49,7% dos investimentos. Esses percentuais foram ainda mais expressivos em 2005 (64,1%), 2007 (62,6%) e 2008 (55,9%).

Ressalte-se que, como as *regiões com expansão* têm ainda um peso menor na economia do Estado quando comparadas àquelas em retração, os fortes investimentos observados nessas áreas sinalizam, para os próximos anos, uma continuada mudança na distribuição regional da indústria, à medida que tais investimentos se consolidem.

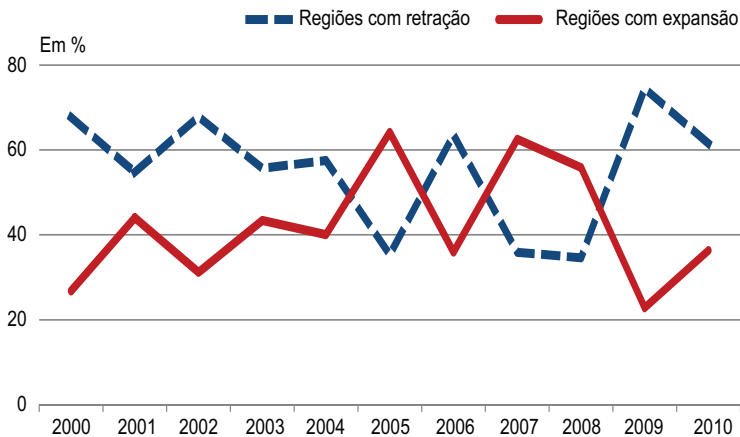
9. Foram excluídos do total estadual os US\$ 15,8 bilhões relativos à abrangência denominada Diversos Municípios, que compreende os investimentos em que os montantes para cada localidade não foram especificados.

Valor dos investimentos anunciados, segundo regiões com retração e expansão no produto industrial Estado de São Paulo – 2000-2010



Fonte: Fundação Seade.

Participação no valor dos investimentos anunciados, segundo regiões com retração e expansão no produto industrial Estado de São Paulo – 2000-2010



Fonte: Fundação Seade.

Participação no valor dos investimentos anunciados

Estado de São Paulo – 2000-2010

Regiões	%
TOTAL GERAL	100,0
Regiões com retração no produto industrial	55,0
Região Metropolitana de São Paulo	24,7
Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte	22,6
Região Metropolitana da Baixada Santista	7,7
Regiões com expansão no produto industrial	42,1
Área Campinas–Sorocaba (“corredor asiático”)	29,5
RA de Campinas	20,7
RA de Sorocaba	8,8
Área Industrial da Cana-de-Açúcar	12,6
RA de Araçatuba	3,2
RA de Presidente Prudente	2,4
RA de São José do Rio Preto	1,9
RA de Bauru	1,8
RA de Marília	1,4
RA de Ribeirão Preto	0,9
RA de Barretos	0,6
RA de Franca	0,3
Demais regiões	2,9
RA Central	2,8
RA de Registro	0,1

Fonte: Fundação Seade.

ÁREA CAMPINAS–SOROCABA

Esse eixo possui uma indústria diversificada, composta por segmentos tradicionais e modernos. Historicamente, a proximidade com a Região Metropolitana de São Paulo estimulou a instalação de muitas indústrias nessas regiões. As universidades e centros de pesquisa de Campinas, reconhecidos internacionalmente pela excelência, vêm atraindo um número crescente de empresas interessadas em incorporar em seus produtos os avanços tecnológicos por eles alcançados e ter acesso a mão de obra qualificada.

A participação dessa área no VAF total aumentou de 28,3%, em 2000, para 33,5%, em 2010, com destaque para a indústria de Campinas (de 23,1% para 27,0%) – a parcela representada por Sorocaba variou de 5,1% para 6,6% (Tabela 4). Os subsetores que tiveram os maiores acréscimos no período foram: material de transporte (Campinas e Sorocaba); produtos alimentícios (Sorocaba); produtos químicos (Campinas); máquinas e equipamentos (Campinas e Sorocaba); produtos de metal (Campinas); produtos farmacêuticos (Campinas); papel e celulose (Campinas e Sorocaba); produtos de plástico (Campinas); minerais não metálicos (Campinas); bebidas (Campinas); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (Campinas); e metalurgia básica – ferrosos (Campinas e Sorocaba). Acrescente-se que a região ampliou sua liderança no segmento têxtil (de 47,3% para 52,2%) e duplicou a participação nos de máquinas para escritório e equipamentos de informática (de 33,0% para 74,8%), material eletrônico e equipamentos de comunicação (de 32,5% para 64,5%) e eletrodomésticos (de 20,5% para 40,5%), alavancados especialmente pela RA de Campinas (ver Anexo). Também duplicou a participação da indústria farmacêutica, de 13,1% para 27,4%.

T
A
B
E
L
A

4

**Participação no Valor Adicionado Fiscal da indústria,
segundo principais subsetores**
Área Campinas–Sorocaba – 2000-2010

Subsetores industriais	Em porcentagem	
	2000	2010
Total da indústria	28,3	33,5
Material de transporte (inclusive montadoras e autopeças)	22,2	29,4
Produtos alimentícios	26,1	27,4
Combustíveis	37,2	37,6
Produtos químicos	27,1	29,9
Máquinas e equipamentos	29,8	36,5
Produtos de metal	26,4	28,4
Produtos farmacêuticos	13,1	27,4
Papel e celulose	40,9	49,7
Produtos de plástico	29,0	35,1
Minerais não metálicos	47,5	48,7
Bebidas	42,8	48,0
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	26,6	35,1
Metalurgia básica – ferrosos	18,4	29,9
Demais subsetores	26,1	34,9

Fonte: Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda; Fundação Seade.

Quanto aos investimentos, 70% dos US\$ 21,5 bilhões anunciados no eixo, entre 2000 e 2010, dizem respeito à RA de Campinas e o restante à de Sorocaba. O ramo automotivo liderou o crescimento não apenas pelos investimentos de montadoras e de seus fornecedores em novas plantas e nas já existentes, mas também de outros segmentos dessa cadeia produtiva (metalurgia básica, produtos de metal, máquinas e equipamentos, produtos de plástico, minerais não metálicos e material elétrico). Adicionalmente, o ritmo acelerado da construção civil (obras de infraestrutura, Programa Minha Casa Minha Vida, empreendimentos imobiliários comerciais, industriais, logísticos) impulsionou a fabricação de laminados de aço, estruturas metálicas, máquinas e equipamentos pesados, chapas de madeira, além de vidro e cimento.

Assim, os maiores valores associaram-se aos ramos automotivo, de refino de petróleo e álcool, produtos químicos, metalurgia básica, máquinas e equipamentos, alimentos e bebidas, papel e celulose, madeira, produtos farmacêuticos e minerais não metálicos.

Entre os principais anúncios da indústria automotiva, incluem-se a implantação da fábrica da Toyota, em Sorocaba, as ampliações da planta industrial dessa montadora, em Indaiatuba, e da fábrica da Honda, em Sumaré, além das inversões de dezenas de fornecedores de peças e componentes automotivos instalados ao seu redor e em outros municípios, como Moji Mirim, Campinas, Limeira, Valinhos e Jundiá.

O ramo de refino de petróleo e álcool, por sua vez, sobressai essencialmente pelos investimentos da Petrobras na ampliação e modernização da refinaria de Paulínia. Os produtos químicos destacam-se pelas inversões da petroquímica Braskem, em Paulínia, bem como as fábricas da CJ Corp e da Ajinomoto, respectivamente em Piracicaba e Limeira, para produzir aminoácidos derivados da cana para a indústria alimentícia. Houve anúncios importantes do complexo de ácidos acrílicos da Elekeiroz, em Várzea Paulista, além do centro de distribuição de cosméticos da Avon, em Cabreúva.

A metalurgia básica evidencia-se especialmente pelos investimentos da Companhia Brasileira de Alumínio no complexo industrial da Votorantim, localizado em Alumínio; da siderúrgica Gerdau, em Araçariguama, e da Belgo Mineira, em Piracicaba.

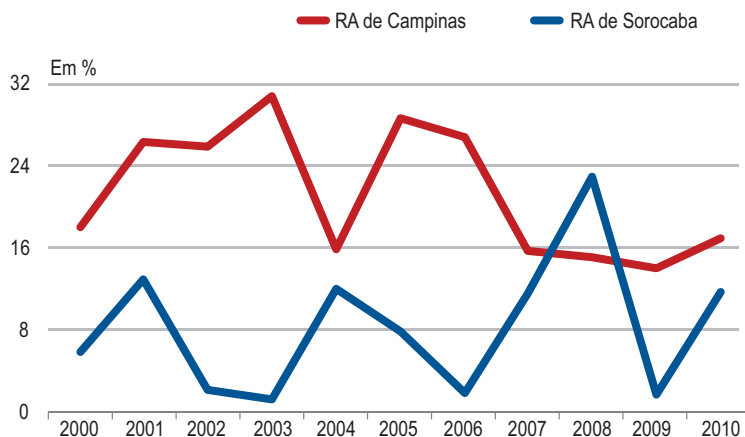
As duas regiões também concentraram elevado volume de recursos no segmento de máquinas e equipamentos, envolvendo a fábrica de equipamentos para construção civil da Case, do grupo Fiat, em Sorocaba,

o seu Centro de Distribuição, em Itu, e a planta de colheitadeiras, em Piracicaba; a ampliação da unidade da Caterpillar, em Piracicaba, da Romi, em Santa Bárbara d'Oeste e da fábrica de turbinas a vapor da Siemens, em Jundiaí, e a instalação da fábrica de válvulas industriais da Lupatech, em Nova Odessa.

No setor alimentício, registraram-se investimentos nas fábricas de processamento de café da Nestlé, em Araras, e da Sara Lee, em Jundiaí, bem como no centro de distribuição da Sadia, em Jundiaí. Grandes produtores de celulose e papel também anunciaram investimentos vultosos em suas unidades, como a Ripasa, instalada em Limeira, a International Paper, em Mogi Guaçu, e a Votorantim, em Piracicaba.

Para a RA de Sorocaba, também foram destinados recursos substanciais relacionados aos subsetores de madeira e de minerais não metálicos. No primeiro ramo, os principais investimentos dizem respeito às fábricas de laminados de madeira da Duratex, em Itapetininga, e da Eucatex, em Salto, além da construção de suas novas unidades, em Botucatu. Em minerais não metálicos, destacaram-se as unidades produtoras de cimento da Votorantim, em Votorantim e Salto de Pirapora, e da Companhia Brasileira de Equipamentos, em Ribeirão Grande, além da fábrica de vidro para construção civil da Guardian, em Tatuí.

Participação nos investimentos anunciados no Estado de São Paulo Regiões Administrativas de Campinas e Sorocaba – 2000-2010



Fonte: Fundação Seade.

Já os produtos farmacêuticos destacaram-se pelos investimentos da EMS, em seu complexo industrial de genéricos de Hortolândia, e do Laboratório Cristália, em Itapira.

Em suma, chama atenção a importante diversificação setorial do investimento. Está se formando, nessa região, uma base produtiva diversificada, que abarca diferentes cadeias produtivas. Esse nível de diversificação reforça ainda mais as capacidades competitivas da região, já claramente beneficiada pela presença de uma infraestrutura de transportes, tecnológica e educacional de significativa envergadura.

ÁREA INDUSTRIAL DA CANA-DE-AÇÚCAR

As Regiões Administrativas que integram esse eixo – Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Bauru, Marília, Franca, Araçatuba, Barretos e Presidente Prudente – ocupam uma vasta área do Estado, onde a pecuária tinha presença marcante, envolvendo desde a criação de gado e frigoríficos até indústrias de couro e de calçados. Nos últimos anos, a alta dos preços internacionais do açúcar e o crescimento da demanda doméstica de etanol, com a fabricação de veículos *flex* no país, impulsionaram a atividade canavieira da RA de Ribeirão Preto, onde já existiam usinas, em direção ao oeste paulista.

A evolução do VAF no período 2000-2010 mostra que o aumento da participação dessa área no total da indústria paulista (de 9,5% para 14,0%) associou-se, sobretudo, aos ramos de alimentos e combustíveis (Tabela 5), alavancados pela produção sucroalcooleira. A maioria das regiões ampliou sua participação no subsetor de alimentos, salvo Ribeirão Preto e Barretos, relativamente estáveis, e Bauru, com leve redução.

A RA Ribeirão Preto, porém, liderou a expansão regional em combustíveis, bem como em outros segmentos importantes e que também estão relacionados à indústria canavieira, como produtos químicos derivados da cana, máquinas e equipamentos agrícolas e produtos de metal. Merecem destaque, ainda, os ramos de bebidas (Bauru e Marília), artigos de borracha (São José do Rio Preto e Ribeirão Preto), móveis (São José do Rio Preto), além de madeira e couros e calçados, em que sobressai a RA de Bauru.

No que se refere aos investimentos, os maiores montantes também se destinaram às indústrias de alimentos e bebidas e de refino de petróleo e álcool, vindo, a seguir, papel e celulose, produtos químicos, madeira, produtos farmacêuticos e máquinas e equipamentos.

Participação no Valor Adicionado Fiscal da indústria, segundo principais subsetores

Área Industrial da Cana-de Açúcar – 2000-2010

Em porcentagem

Subsetores industriais	2000	2010
Total da indústria	9,5	14,0
Material de transporte (inclusive montadoras e autopeças)	0,7	1,2
Produtos alimentícios	42,1	51,7
Combustíveis	6,6	18,8
Produtos químicos	3,1	4,5
Máquinas e equipamentos	7,6	11,1
Produtos de metal	6,2	9,6
Produtos farmacêuticos	1,1	1,8
Papel e celulose	10,0	9,1
Produtos de plástico	2,8	4,1
Minerais não metálicos	3,5	2,8
Bebidas	12,6	22,0
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	3,0	5,4
Metalurgia básica – ferrosos	3,9	5,3
Demais subsetores	6,9	9,5

Fonte: Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda; Fundação Seade.

Mais de 80% dos recursos investidos no primeiro subsetor dizem respeito a usinas de açúcar, localizadas especialmente nas RAs de Araçatuba, São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Bauru e Marília. Nessa última, também se destacam as inversões da Spaipa, fabricante e distribuidora de Coca-Cola no interior paulista.

O refino de petróleo e álcool sobressai pelos anúncios da usina Umoe Bioenergy, em Sandovalina, da Destilaria Paranapanema, em Presidente Prudente, e muitas outras instaladas em Araçatuba, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto, além daqueles destinados à fábrica de biodiesel da Naturoil, em Ourinhos, e à planta de reprocessamento de lubrificantes usados da Lwart, em Lençóis Paulista.

No ramo de papel e celulose destacaram-se a fábrica de papelão da Mestra/Pinex, em Araçatuba, e a ampliação da unidade de celulose da

Lwarcel, em Lençóis Paulista. O principal investidor do segmento de madeira foi a Duratex, que fabrica chapas de MDF em Agudos.

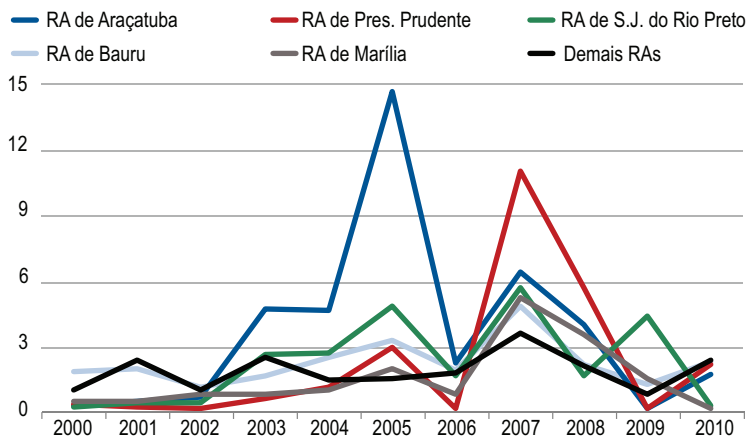
As maiores inversões em produtos químicos referem-se à produção de derivados da cana, como os aminoácidos da Ajinomoto, em Pederneiras, ésteres da Tate & Lyle, em Santa Rosa do Viterbo, e plástico biodegradável da PHB, em Serrana, além da fábrica de defensivos agrícolas da DVA, em Ituverava.

Em produtos farmacêuticos, os maiores montantes envolveram a Bio-rigin, fabricante de ingredientes para nutrição em Quatá; a Ouro Fino, que produz vacinas para saúde animal, em Cravinhos; e a Segmenta/Glicolabor, para ampliação da planta de soluções parenterais, em Ribeirão Preto.

Os destaques de máquinas e equipamentos, por sua vez, foram a expansão da fábrica de implementos agrícolas da Sermatec/Zanini, em Sertãozinho, e a da unidade de escavadeiras da Volvo, em Pederneiras.

A continuidade da evolução dessa região depende, em parte, dos desafios enfrentados pelo segmento de álcool no período recente. A compressão dos preços do álcool, dependente dos ajustes dos preços da gasolina coordenados pelo governo federal, produz impactos sobre a capacidade de investimento do setor. Ao mesmo tempo, as novas oportunidades de investimento, relacionadas à produção de energia elétrica a partir do bagaço de cana e ao desenvolvimento da chamada alcoolquímica, também dependem

Distribuição dos investimentos anunciados Regiões da Área Industrial da Cana-de Açúcar – 2000-2010



Fonte: Fundação Seade.

da estrutura de incentivos produzida no âmbito do governo federal. De todo modo, esse complexo produtivo tem apresentado significativa resiliência ao longo dos últimos 30 anos, desde o anúncio da política do Proálcool e é provável que – equacionados os principais gargalos regulatórios – a região continue a encontrar espaço para manter a trajetória de crescimento.

SÍNTESE

Este estudo trouxe elementos para entender o novo desenho da dinâmica industrial do Estado de São Paulo, marcada pela desconcentração das áreas tradicionais de produção industrial e pela emergência de dois grandes eixos industriais. A partir da análise aqui realizada, podem ser feitas algumas considerações:

- entre 2000 e 2010, as Regiões Metropolitanas de São Paulo, do Vale do Paraíba e Litoral Norte e da Baixada Santista tiveram retração no produto industrial, de 59,9% para 50,0%;
- os eixos com expansão – as RAs de Campinas e Sorocaba e a Área Industrial da Cana-de-Açúcar –, por sua vez, aumentaram seu produto industrial de 37,8% para 47,5%;
- no mesmo período, esses eixos tiveram importante participação nos anúncios de investimento, respondendo, em anos de expectativa de crescimento econômico, por 64% do total do Estado;
- os resultados apontam para uma significativa mudança na estrutura produtiva do Estado, com consequências econômicas e sociais relevantes tanto para as regiões em retração quanto para aquelas em expansão.

Participação no Valor Adicionado Fiscal, segundo subsectores industriais Estado de São Paulo – 2000-2010

Em porcentagem

Subsectores industriais	Distribuição no Estado				Eixos com retração				Participação no VAF industrial do Estado					
	2000		2010		2000		2010		Área Campinas-Sorocaba		Área Industrial da Cana-de-Açúcar		Total	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Total	100,0	100,0	59,9	50,0	28,3	33,5	9,5	14,0	37,8	47,5				
Material de transporte (inclusive montadoras e autopeças)	12,9	16,3	76,0	68,3	22,2	29,4	0,7	1,2	22,9	30,6				
Produtos alimentícios	12,2	13,5	24,0	14,6	26,1	27,4	42,1	51,7	68,1	79,2				
Combustíveis	14,5	11,9	56,1	43,4	37,2	37,6	6,6	18,8	43,8	56,3				
Produtos químicos	9,1	8,2	68,3	63,9	27,1	29,9	3,1	4,5	30,2	34,5				
Máquinas e equipamentos	5,0	6,9	56,4	48,3	29,8	36,5	7,6	11,1	37,3	47,6				
Produtos de metal	3,5	4,7	66,1	60,5	26,4	28,4	6,2	9,6	32,7	37,9				
Produtos farmacêuticos	5,3	4,6	85,8	70,7	13,1	27,4	1,1	1,8	14,2	29,2				
Papel e celulose	4,2	3,4	48,9	40,5	40,9	49,7	10,0	9,1	50,9	58,8				
Produtos de plástico	3,3	3,4	67,3	60,3	29,0	35,1	2,8	4,1	31,8	39,2				
Minerais não metálicos	2,9	3,0	44,9	44,1	47,5	48,7	3,5	2,8	51,1	51,5				
Bebidas	1,8	2,5	41,7	28,1	42,8	48,0	12,6	22,0	55,4	70,0				
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	3,0	2,4	69,6	57,3	26,6	35,1	3,0	5,4	29,5	40,5				
Metalurgia básica – ferrosos	2,3	2,4	77,3	64,2	18,4	29,9	3,9	5,3	22,3	35,2				

(continua)

Participação no Valor Adicionado Fiscal, segundo subsetores industriais

Estado de São Paulo – 2000-2010

Em porcentagem

Subsetores industriais	Distribuição no Estado						Participação no VAF industrial do Estado					
	Eixos com retração		Eixos com expansão		Total		Área Campinas-Sorocaba		Área Industrial da Cana-de-Açúcar		Total	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Edição, impressão e gravações	2,9	2,3	86,5	87,3	7,5	8,7	5,7	3,9	13,3	12,6		
Têxtil	2,7	2,0	45,6	41,8	47,3	52,2	3,5	1,3	50,8	53,6		
Vestuário e acessórios	1,2	1,5	75,1	69,3	16,5	15,6	7,3	7,9	23,8	23,6		
Artigos de borraça	1,6	1,4	64,6	55,8	31,0	32,8	4,4	11,2	35,4	44,0		
Máquinas para escritório e equipamentos de informática	0,9	1,4	67,0	25,0	33,0	74,8	0,0	0,0	33,0	74,9		
Material eletrônico e equipamentos de comunicações	2,8	1,3	66,6	34,3	32,5	64,5	0,8	0,7	33,3	65,2		
Equipamentos médicos, óticos, de automação e precisão	0,7	1,2	66,2	55,3	21,6	29,8	10,8	12,2	32,4	42,0		
Eletrodomésticos	1,2	1,0	71,7	32,6	20,5	40,5	2,5	4,3	23,0	44,8		
Metalurgia básica – não ferrosos	1,3	0,9	66,5	61,8	32,0	33,9	0,1	0,4	32,1	34,3		
Móveis	0,8	0,8	51,2	40,2	21,6	25,8	25,7	31,8	47,3	57,5		
Diversos	0,9	0,8	59,4	57,7	24,6	25,6	4,0	6,6	28,6	32,1		
Artigos de perfumaria e cosméticos	1,0	0,7	75,0	83,9	24,0	14,2	1,0	1,7	24,9	15,8		
Couros e calçados	0,6	0,6	16,4	10,9	8,6	4,3	74,7	84,6	83,3	88,9		
Madeira	0,5	0,6	20,3	17,6	60,7	59,9	18,6	22,0	79,3	81,8		
Reciclagem	0,0	0,1	59,3	55,3	37,3	38,1	2,9	4,9	40,2	43,0		
Fumo	0,9	0,0	82,5	98,1	0,0	0,0	5,3	0,0	5,3	0,0		

Fonte: Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda; Fundação Seade.